

Antropologia existencial no pensamento de Jean-Paul Sartre

Existential anthropology in the thought of Jean-Paul Sartre

LUCIANO OLIVEIRA PAULO FILHO¹

Resumo: O trabalho, a seguir, aborda a filosofia de Jean-Paul Sartre sobre uma perspectiva antropológica existencial. Para tanto, trata-se de apresentar como o filósofo francês compreende o homem e sua existência, a partir da fenomenologia. A tese sartriana fundamental é a de que a existência precede a essência. Isto posto, Sartre pretende reconhecer, na existência humana, a suprema autonomia perante seu existir. Para levar adiante essa breve reconstrução, a estrutura do texto é composta dois momentos. No primeiro, reconstituo a diferença entre o ser-Em-si e o ser-Para-si e, no segundo, a relação entre os conceitos de nada e de projeto. A metodologia é qualitativa bibliográfica. O material bibliográfico são as obras filosóficas de Sartre mais importantes como *O Ser e o Nada* (1943) e *O Existencialismo é um Humanismo* (1945) e alguns comentadores para embasar o texto.

Palavras-chave: Antropologia. Existência. Para-si. Nada.

Abstract: The paper then discusses the philosophy of Jean-Paul Sartre on an existential anthropological perspective. For this, it is a question of presenting how the French philosopher understands man and his existence, from phenomenology. The fundamental Sartrian thesis is that existence precedes essence. This, Sartre intends to recognize, in human existence, the supreme autonomy before its existence. To carry out this brief reconstruction, the structure of the text is composed of two moments. In the first, reconstituted the difference between being-in-itself and being-for-itself and in the second, the relationship between the concepts of nothing and project. The methodology is qualitative bibliographical. The bibliographic material is Sartre's most important philosophical works such as *Being and Nothingness* (1943) and *Existentialism is a Humanism* (1945) and some commentators to support the text.

Keywords: Anthropology. Existence. For-Itself. Nothingness.

Introdução

A existência precede a essência² é o fundamento que Sartre utilizou para desenvolver seu existencialismo. Partindo dessa premissa, podemos perceber uma forte crítica à tradição essencialista, cujo pensamento é designar uma natureza humana já estabelecida. Notamos também, alguns lampejos de suas influências, principalmente em autores como Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger.

Afinal, porém, o que realmente significa o fato fundamental de que a existência precede a essência? “Significa que o homem existe primeiro, se encontra,

¹ Graduando em Filosofia (Bacharelado), atualmente cursando o 5º semestre pelo Centro Universitário Católica de Quixadá – Unicatólica. E-mail: luciano1996paulo@gmail.com.

² “O homem não se encontra com uma natureza, uma essência, a que deva desapegar-se, realizar ou aperfeiçoar através de seu agir, melhor se encontra como um oco carente de sentido, por isso precisa esculpir sua própria figura humana.” (MATEO, 1975, p. 11).

surge no mundo, e se define em seguida” (SARTRE, 2014, p. 25). A existência, em seu princípio, é nada, isto é, o homem nasce desamparado, uma vez que, ele é jogado em um mundo sem sentido prévio. E só com a vivência (*Erlebnis*) da sua realidade existente, que o indivíduo pode, enfim, definir sua essência.

Para compreendermos melhor como a existência precede a essência, é importante entendermos a diferença que Sartre desenvolve entre o ser-Em-si e o ser-Para-si, cujo método utilizado pelo autor é a fenomenologia.

A diferença do ser-em-si e ser-para-si

Em *O Ser e o Nada* (1943), Sartre apresenta dois de tipos de seres: O Em-si e o Para-si. O ser-Em-si é um ser nele mesmo, isto é, um ser fechado, opaco e sem estrutura. O Em-si é, já está formado, não existe movimento próprio, porque não existe possibilidade nele, ele só é. Podemos entender o ser-Em-si, a metafísica, primeiro, pelos motivos anteriores e depois, porque, ela é incriada, não existe relações com ela, e por isso, nada pode derivar dela.

Mas o ser-Em-si tampouco pode derivar de um possível. O possível é uma estrutura do Para-si, ou seja, pertence a outra região do ser. O ser-Em-si é supérfluo (de trop) ou seja, que não se pode derivá-lo de nada, nem de outro ser, nem de um possível, nem de uma lei necessária. Incriado, sem razão de ser, sem relação alguma com outro ser, o ser-Em-si é supérfluo para toda a eternidade (SARTRE, 2008, p. 40).

A grande característica do ser-Em-si, enquanto metafísica, é o seu isolamento. Isso não quer dizer que ela não exista, pelo contrário, ela existe em si mesma. Esse isolamento é causado, porque, só nos relacionamos e conhecemos com aquilo que nos é visível e compreensível, visto que, a metafísica sendo fiel ao seu sentido etimológico, ela é incomunicável e inviável, dado que, só percebemos os fenômenos, aquilo que é manifesto e ela está para além do material.

A compreensão primária de Sartre sobre o ser-Em-si está relacionada com os objetos presentes no mundo, posto que, eles já estão datados e formulados previamente, por um agente criador que projetou sua funcionalidade. Em outras palavras, os objetos nada mais são do que aquilo que ele é, ou seja, sua essência já é predestinada há uma determinada utilidade.

Olho esta folha em branco, colocada sobre minha mesa; percebo sua forma, sua cor, sua posição. Essas diferentes qualidades têm características comuns: em primeiro lugar, elas se oferecem ao meu olhar como existências que posso apenas constatar e cujo ser não depende de modo algum do meu capricho. Elas são para mim, não são eu. Mas elas tampouco são outrem, isto é, não dependem de nenhuma espontaneidade, nem da minha, nem da de uma outra consciência. Estão presentes e inertes ao mesmo tempo. Essa inércia

do conteúdo sensível, tão frequentemente descrita, é a existência em si (SARTRE, 1987, p. 50).

O ser-Em-si é o do ser do fenômeno. “O fenômeno” – escreve Sartre (2008, p. 18) – “é o que se manifesta, o ser manifesta-se a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão”. Portanto, aquilo que me aparece, nesse caso, o Em-si, posso ter consciência dele, sendo que, ele já está dado. Essa consciência só é possível, porque, o ser conhecido³ difere do ser que conhece, essa relação implica um sujeito (Para-si) e o objeto (Em-si).

Um aspecto importante do Em-si é que ele é sem temporalidade⁴, ou seja, não existe um passado, um presente e ou um futuro; ele, puramente, é. Esses conceitos temporais são dimensões intrinsecamente humanas, pois, o Para-si existe de forma temporal em um dado momento histórico. Esse movimento temporal revela a própria condição da vida que é a existência, e não há outro modo de efetua-la senão vivendo-a.

Quando Sartre afirma que o ser-Em-si é sem temporalidade, compreende-se também, que ele não é nem passividade nem atividade. Tais movimentos são operados somente por uma consciência. Portanto, o ser-Em-si em uma definição clara e objetiva, ele simplesmente é. Suas características e todas as suas dimensões informativas estão impressas nele mesmo, deste modo, ele está destinado à sua própria condição de ser-Em-si.

A outra parte do Ser que Sartre apresenta, é o ser-Para-si. Há várias diferenças entre o Em-si e o Para-si, mas a fundamental consiste que, enquanto o primeiro é o “ser do fenômeno” e outro é o “ser da consciência”⁵. É importante ressaltar que o Para-si tem como base o nada. Daí advém o sentido mesmo do título de *O Ser e o Nada*. O ser é transporte para o Em-si, o nada é configurado no Para-si.

Ao contrário do Em-si, o Para-si não tem uma essência definida. Ele não é resultado de uma ideia pré-existente. O Para-si é a existência humana, ou melhor, é o próprio homem. Na lógica-antropologia de Sartre, é preciso que o Para-si primeiro exista, construa sua existência através de suas escolhas e a cada estágio vivido marcará sua essência. Podemos perceber fortemente a dimensão subjetiva no Para-si, certamente, vemos a influência cartesiana no existencialismo sartriano.

³ Em um objeto singular podemos sempre distinguir qualidades como cor, odor, etc. E, a partir delas, sempre pode-se determinar uma essência por elas compreendida, como o signo implica a significação” (SARTRE, 2008, p. 19).

⁴ Sartre entende a temporalidade em três estruturas base: O passado, o presente e o futuro.

⁵ “O ser da consciência – escrevamos na introdução – é um ser para o qual, em seu ser, está em questão o seu ser”. Significa que o ser da consciência não coincide consigo mesmo em uma adequação plena. Essa adequação, que é a do Em-si, se expressa por uma fórmula simples: o ser é o que é. Não há no Em-si uma parcela de ser que seja distância com a relação a si” (SARTRE, 2008, p. 122).

Não é possível existir outra verdade, como ponto de partida, do que essa: penso, logo existo, é a verdade absoluta da consciência que aprenda a si mesmo. Toda teoria que assume o homem fora desse momento em que ele aprende a si mesmo é, antes de qualquer coisa, uma teoria que suprime a verdade, pois fora desse cogito cartesiano todos os objetos são apenas prováveis, e uma doutrina de probabilidades, que não é elevada a uma verdade, afunda no nada; para definir o provável é preciso possuir o verdadeiro (SARTRE, 2014, p. 46).

O Eu cartesiano é assumido como premissa no Para-si sartriano, uma vez que, ele é o ser da consciência e, por consciência, Sartre compreende a formulação husserliana de *que toda consciência é consciência de alguma coisa*. O Para-si é um não-ser. Isso implica não um conceito estático, mas sim, numa probabilidade de ser, uma corrida que vai do nada ao ser. Ora, esse é o sentido da existência preceder a essência.

A tese de que a existência precede a essência implica de que o Para-si, antes de mais nada, é um existente. Isso resulta um espaço e um tempo, que são condições básicas para a existência. Quero dizer com isso, que o Para-si é um habitante terrestre, existe uma mundanidade que lhe cerca e influencia sua vivência.

Utilizando o pensamento de Heidegger, o Para-si é um *Dasein*⁶. O termo *Dasein* é composto de “Da”, significando “ai”, e “sein”, significando “ser”, ou seja, *Dasein* é ser-ai. A expressão ser-ai designa muitas realidades, mas o que nos interessa agora, é a mundanidade e a autonomia experienciada por ele. A mundanidade e a autonomia do Para-si desvela a liberdade humana, mesmo ele sendo limitado pela condição tempo-espaço e pelo seu aspecto biológico, de uma coisa ele não pode fugir, que é da liberdade.

O condicionamento apresentado acima nos leva a acrescentar uma ideia importante no pensamento de Sartre. Devido essas limitações, o sujeito não tem possibilidade para mudar que está condenado a ser livre. Diante disso, o que fazer? A resposta que nosso autor dá, é a seguinte “O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como é concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz” (SARTRE, 2014, p. 25). Ou seja, não importa as constituições que enquadram minha existência, mas, o que eu faço com essas determinações.

O Para-si é o sujeito central nessa problemática, visto que, é ele quem doa sentido ou não, à realidade presente. O presente é a circunstância que possibilita a ação e a mudança. Atentemos para isso, pois o passado sendo uma composição já

⁶ O *Dasein* partilha com os outros o espaço que circunda. Em sua ocupação ele se encontra a si mesmo e aos outros. De fato, nesta possibilidade de ser-com-os-outros, “o estar-só do *Dasein* é ser-com no mundo [...]. O próprio *Dasein* só é na medida em que possui a estrutura essencial de ser-com, enquanto co-*Dasein* que vem ao encontro dos outros (HEIDEGGER, 2015, p. 171).

estabelecida, não há probabilidade de mudança. De resto, o homem apenas é seu presente, à medida que esse é o tempo favorável para transfigurar sua existência.

Sobre a problemática sobre o futuro do Para-si, aprofundaremos posteriormente. Portanto, uma característica do Para-si é sua temporalidade. Além da temporalidade, outra relevante marca do Para-si é a sua espontaneidade.

Mas a mudança pertence naturalmente ao Para-si, na medida que esse Para-si é espontaneidade. Uma espontaneidade da qual se pode dizer: ela é, ou simplesmente, esta espontaneidade deveria deixar-se definir por ela mesma, ou seja, deveria ser fundamento não só de seu nada como também de seu ser, e, simultaneamente, o ser iria recuperá-la para fixá-la em algo dado. A espontaneidade posiciona o que era não pode ser o mesmo ao qual está atualmente presente. (SARTRE, 2008, p. 207).

A espontaneidade é própria do Para-si. Primeiro, ela significa a mobilidade perante a construção da essência humana e, segundo, a contingência que o Para-si enfrenta em sua vivência. A espontaneidade impressa no indivíduo a condição de uma metamorfose constante, ou seja, a frequente modificação que o sujeito realiza em sua vida.

A compreensão de Para-si designa, sobretudo, para um não-ser⁷. Esse é o entendimento primário, quando Sartre diz que a existência precede a essência. Esse não-ser, não é uma preposição inerte; pelo contrário, ela é a condição que permite o Para-si de escolher como ele formará sua existência. Nesse sentido, o não-ser ganha um aspecto de possibilidade, pelo simples razão de que o Para-si é o detentor da capacidade de decisão e essa deliberação é puramente subjetiva.

A diferença que Sartre estabeleceu entre o Em-si e o Para-si é de fundamental importância para a questão da existência e da responsabilidade em seu pensamento. Isso porque tal problemática debruça precisamente sobre essa relação de transição do ser-Para-si ao ser-Em-si. Portanto, a explicitação da diferença entre essas categorias é relevante, para a compreensão do tema aqui em curso.

Nada e projeto

Uma melhor compreensão do existencialismo de Sartre conforme a máxima, a existência precede a essência, implica, pois, um tratamento acerca das noções de

⁷ Parece contraditório quando Sartre valoriza o *cogito* cartesiano e quando declara que o Para-si é um não-ser. A questão do *cogito* é atribuída no pensamento sartriano, para a colocação da responsabilidade total do homem sobre sua existência, nisso, reporta uma independência, uma autonomia diante sua vida. Já o Para-si como um não-ser, significa que quando uma pessoa nasce, em primeira instância ela é nada, e a partir de sua existência que ela irá construir sua essência. O não-ser é um projeto de ser, ou seja, é um vir-á-ser.

nada e projeto. Partamos, então, primeiro da temática do nada⁸ e, em segundo, a do projeto.

A teoria sobre o nada que Sartre desenvolveu, principalmente em seu ensaio de ontologia fenomenológica – *O Ser e o Nada* (1943), é um ponto primordial na compreensão da vida humana, porque, o nada é um aspecto de origem primária na lógica antropológica sartriana, visto que, o homem parte do nada rumo ao ser, ou seja, ele é um não-ser, mas, que tem possibilidade de tornar-se um ser.

O nada dentro da história da filosofia, principalmente, no período clássico, nunca foi concebido como uma proposição importante, sendo que, a grande relevância era dada ao ser. Diante dessa mentalidade, criou-se um dualismo entre o ser e o nada, entre o ser e o não-ser. Uma saída de Sartre dentro desse problema ontológico é a noção de que o homem, ao nascer, surge como um nada e ao desenrolar de sua existência, suas escolhas vão definir o que ele será. A novidade é a mobilidade ontológica que vai do não-ser para o ser, isto é, que parte da existência para chegar a essência.

Que significa, aqui que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar (SARTRE, 2014, p. 25).

Em uma análise superficial, pode-se entender e muitos fazem isso, que a compreensão sobre o nada de Sartre seja tida como pessimista. Ora, o nosso entendimento sobre esse argumento diverge, justamente, porque, esse parecer em relação ao nada se dá de maneira completamente realista.

Tal concepção não só faz alusão ao nada, mais a toda filosofia de Sartre. Assim, “tampouco pode ser considerado uma descrição pessimista do homem: não há doutrina mais otimista, pois ela coloca o destino do homem nele mesmo” (SARTRE, 2014, p. 45). O primeiro preconceito que temos que desfazer, é esse pessimismo que erroneamente é aderido ao existencialismo de sartriano. Claro que não podemos negligenciar que há uma negatividade na existência e esse é um aspecto que incomoda nosso autor, porque, seria mais conveniente uma natureza já definida e os homens terem o trabalho de descobrir gradativamente, mas, não é o acontece à luz da experiência.

A problemática do nada é uma questão puramente ligada ao Para-si. Em outras palavras, podemos dizer que o Para-si é o nada, na medida em que sua aparição no

⁸ “O Nada não é, o Nada “é tendo isso”, o Nada não se nadifica, o Nada “é nadificado”. Resulta, pois, que deve existir um Ser – que não poderia ser o ser-Em-si – com a propriedade de nadificar o Nada, sustenta-lo com seu próprio ser, escorá-lo perpetuamente em sua própria existência, um ser pelo qual o nada venha às coisas” (SARTRE, 2008, p. 65).

mundo lhe caracteriza como um não-ser. Algumas interrogações certamente surgem em relação ao nada, mais uma das principais é, qual a origem do nada?

Quanto à origem do nada, Sartre compreende que se pode encontrar uma possível origem na dialética hegeliana e outra à obra de Heidegger e sua fenomenologia. A dialética de Hegel é composta por três bases: tese, antítese e síntese. Relacionando a dialética com a ontologia, a tese seria o ser, a antítese, o não-ser e a síntese, é um novo ser, e que esse se tornaria em uma nova tese e assim sucessivamente.

Sartre vai discordar dessa visão, pois, “o ser é vazio de toda determinação que não seja identidade consigo mesmo; mas o não-ser é vazio de ser. Em resumo, é preciso recordar aqui, contra Hegel, que o ser é e o nada não é” (SARTRE, 2008, p. 57). Esse argumento sartriano é baseado na dimensão de que o ser enquanto tese ele simplesmente é. Nesse sentido, não existe mobilidade ontológica. A discussão sobre o nada, em termos de dialética hegeliana na perspectiva do nosso autor, é insuficiente, porque tanto o ser quanto o nada são propriedades que não se relacionam, caso contrário, cairíamos em contradição lógica.

A outra possível origem do nada que Sartre apresenta é atribuída a Heidegger. O nada na concepção heideggeriana está atrelado ao conceito de angústia.

Na angústia todas as coisas e nós mesmos afundamo-nos numa indiferença. Isto, entretanto, não no sentido de um simples desaparecer, mas em se afastando elas se voltam para nós. Este afastar-se do ente em sua totalidade, que nos assedia na angústia, nos oprime. Não resta nenhum apoio. Só resta e nos sobrevém – na fuga do ente – este “nenhum”. A angústia manifesta o nada. (HEIDEGGER, 1983, p. 39).

114

Na visão de Heidegger, especialmente em *O que é Metafísica?*, trata-se de pôr o problema da angústia como central para entender o nada. A angústia é a incapacidade de transcender a realidade tal qual ela se apresenta. Dito de outra forma, a instalação da angústia ocasiona uma neutralidade entre os entes e ao mundo. Em função disso, a angústia lhe amarra em condições de apatia. Com a instituição da angústia se gera uma ruptura entre os entes, promovendo uma espécie de entes individuais. O nada é uma estrutura abstrata, mas é ligado ao próprio ser⁹.

⁹ “O nada, pelas razões já explicitadas, não pode advir do ser-em-si. Ao mesmo tempo, sua presença é constante. Da mesma forma não pode se originar de si mesmo, pois o nada não é e só pode surgir de algo que seja. Sendo assim, o nada surge de um ser que não pode ser em-si, pois não pode ser plena,

O nada não é nem um objeto, nem um ente. O nada não acontece nem para si mesmo, nem ao lado do ente ao qual, por assim dizer, aderiria. O nada é a possibilitação da revelação do ente enquanto tal para o ser-aí humano. O nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originariamente à essência mesma (do ser). No ser do ente acontece o nadificar do nada. (HEIDEGGER, 1983, p. 41).

Sartre apoiar-se-á nessa concepção primária de Heidegger sobre a dimensão da angústia, porém, irá reformular alguns princípios. Principalmente, ele vai associar essa questão com o tema da liberdade “Na angústia, capto-me ao mesmo tempo como totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim” (SARTRE, 2008, p. 84).

Nesse sentido, o problema do nada é a própria existência humana, visto que, em seu princípio, o sujeito é esse não-ser. A vida humana não é esse constante nada, ela é um projeto, ou seja, um vir-a-ser. Pois bem: o que discorreremos até aqui abre, nesse momento, o segundo tópico, a noção de projeto.

A problemática envolvida na ideia de projeto em Sartre, deve ser entendida como uma segunda etapa do nada, não uma continuidade, mas, uma outra categoria crucial para à existência humana. No pensamento do nosso autor, quando falarmos de projeto, temos que ter em mente que esse conceito é relacionado diretamente ao ser-Para-si, ou seja, ao próprio homem. A concepção de projeto não está vinculada ao ser-Em-si uma que vez que este já está definido por sua natureza.

A compreensão de Sartre sobre a ideia de projeto é essa “O homem é, inicialmente, um projeto que vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada existe de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado ser” (SARTRE, 2014, p. 26). Com essa afirmação, é evidente uma dimensão atea, mas, sobretudo, um princípio de escolha enorme colocada nas mãos dos sujeitos, pois, a direção da vida do indivíduo é da mais inteira responsabilidade dele.

O que Sartre quer depositar na existência humana, é a suprema autonomia perante seu existir. Sendo a independência um caráter primordial para o existencialismo, ela desencadeará em uma absoluta liberdade, fazendo-o do Para-si um prisioneiro dela. O projeto é uma possibilidade¹⁰ de decisão e essa, é meramente subjetiva, é o homem que escolhe como se dá seu futuro. O problema é que o mundo que ele está inserido é lugar dos possíveis, isto é, é o campo da contingência.

mas que traga na sua própria natureza o nada constituinte. Este ser é o homem” (FERNANDES, NORBERTO, 2003, p. 5).

¹⁰ “A possibilidade é dada aqui como pertencente a um ser particular, do qual é um poder, como bem indica o fato de nos referimos indiferentemente a um amigo que aguardamos: ‘É possível que venha’, ou ele pode vir” (SARTRE, 2018, p. 150).

Nesse sentido, o critério de escolha exige mais dedicação. O mundo é o espaço ao qual o Para-si se projeta¹¹.

Neste sentido, fica explícito que o projeto de ser não é alguma coisa que temos ou que guardamos, não se trata de uma propriedade, trata-se de nosso ser mesmo, em cada uma de nossas ações rumo a um futuro eleito. Assim, ao sermos consciência do mundo encontramos a nós mesmos sendo estes ou aqueles, lançados em determinado campo de possíveis, em meio a tais objetos, cercados por tais pessoas, envolvidos em tais assuntos, usando certas roupas, transitando em certos lugares, convivendo com certos problemas, familiarizados com tais costumes (EHRlich, 2002, p. 125).

A relação do projeto humano com o problema desse capítulo, qual seja, a tese de a existência precede a essência, é intimamente concatenado, porque, a existência sendo uma categoria anterior à essência, acaba por nos remeter a uma compreensão de que o homem é o detentor da sua realidade. Em seu nascimento, ele é um nada, porém, com a disposição para se tornar o que ele quiser, podemos então afirmar que, o homem é um constante modificar, ou seja, um porvir.

Com esse entendimento de projeto, Sartre bate de frente com toda tradição essencialista, cuja teoria é definir uma natureza humana prévia que proclama a soberania da essência sobre existência, afirmando esta última como irreal. A proposta do existencialismo sartriano é justamente o contrário, posto que a existência humana é anteriormente à essência. Nesse caso, a essência é o resultado da existência. A essência só existe, porque, primeiramente, encontra-se a existência.

Para ilustrar a diferença entre existência e essência, vamos utilizar a antiga teoria de ato e potência. Colocando esse esquema no pensamento de Sartre, atribuímos à categoria do ato à essência e a potência à existência, uma vez que, a essência é uma substância já concretizada, efetivada. Já a existência é potência, no sentido de projeto, pois, a existência do Para-si é configuração, isto é, uma composição diária.

A liberdade é fundamento do Para-si, logo, não existe determinação do seu Ser. O Para-si é vazio, é pura existência e é a partir daí que construirá sua essência. Ele é responsável por si mesmo, já que não existem valores inscritos e nem normas a seguir, ele é pura liberdade, e essa liberdade gera uma angústia. Contrário ao Em-si que tem como característica a inércia, o passado é a petrificação, ele não motiva as ações humanas, pois é passado, e as ações humanas fazem parte do projeto, ou seja, do futuro daquilo que ainda não é, das possibilitadas do para-si (SILVA, 2014, p. 28).

¹¹ “Assim, ao existirmos, o mundo nos ensina o projeto que somos. Onde nos encontramos concretamente, cercado por quais pessoas, tendo que afinidades, tais afrontas, evidenciam na nossa vida de todos os dias para que ser estamos lançados, para que possibilidades de ser estamos projetados, ou seja, qual vem a ser nosso projeto de ser ou eleição original” (EHRlich, 2002, p. 126).

O conceito de projeto que Sartre desenvolveu certamente foi influenciado por Heidegger, mais notadamente a partir da noção de *Dasein*. Como vimos, porém, Sartre critica a compreensão última heideggeriana, sobretudo, a maneira com que o autor de *Ser e Tempo* compreende a finitude, a finitude a partir do ser-para-morte. Relacionando a teoria sartriana, o homem por não ser. É que ele busca algum fora dele, que conferia para a definição de sua essência.

Para Sartre, radicalizando ainda mais Heidegger, o fato fundamental é de que o homem é um ser aberto, incompleto, ou seja, o homem não possui um projeto prévio, como um roteiro já escrito anteriormente. O próprio homem é autor e personagem da sua existência. Desenvolvendo essa percepção, o sentido da vida é uma invenção do Para-si, na direção de uma criação de significado existencial particular, “o homem não tem uma natureza determinada *a priori*, não existe uma natureza humana pronta e acabada. Ele é um ser inacabado, sempre aberto ao futuro” (MARIAS, 2004, p. 480).

As conseqüências do homem como um projeto são inúmeras, dentre elas: liberdade, critério de escolha, responsabilidade, autonomia diante de sua existência, etc. Essas são algumas atribuições positivas sobre o Para-si como projeto. Por outro lado, existem os pesos que o homem precisa levar por ser um projeto, podemos citar: liberdade, critério de escolha, responsabilidade, autonomia diante de sua existência, etc.

A proposta que Sartre, de maneira geral, coloca sobre a existência é a de depositar no homem a completa liberdade e responsabilidade sobre a vida. Com isso, o próprio indivíduo é o encarregado de sua felicidade, mas também, de suas dores, que são efeitos que qualquer sujeito algumas vezes na vida sentirá.

Nesse sentido, observa Sartre (2014, p. 26): “Mas se realmente a existência precede a essência o homem é responsável pelo que é. Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência”. Tanto o homem como projeto, quanto como nada sela no sujeito uma marca impagável que é a liberdade, ou seja, decretando sua condenação existencial à liberdade.

Conclusão

A antropologia existencial em Sartre é fundamentada na máxima: a existência precede a essência, ou seja, o homem primeiro existe e depois constrói sua essência. Sartre reconhece no homem a total autonomia sobre sua existência. Não é simplesmente um ateísmo, porque, para Sartre tanto faz se Deus existe ou não. O que o filósofo tem como objetivo é atribuir a total reponsabilidade ao homem pela sua existência. Argumenta ele: “O existencialismo não é, sobretudo, um ateísmo no sentido de empenhar-se para demonstrar que Deus não existe. Declara, ao contrário

que, mesmo que Deus exista, isso não mudaria nada; este é o nosso ponto de vista” (SARTRE, 2014, p. 61).

O homem é autônomo, no sentido de que, será ele quem irá escolher e conferir significado a sua vida. A grande marca da antropologia em Sartre é a condenação do homem à liberdade, ou seja, a todo tempo o indivíduo é livre e, por conseguinte, está a escolher. A liberdade é sinônima de escolha, pois o homem não é outra coisa, se não aquilo que escolhe ser.

Referências

- CESÁR, P. G. *O conceito de liberdade em O Ser e o Nada de Jean-Paul Sartre*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010, 110p.
- EHRlich, I. Contribuições do “Projeto de Ser” em Sartre para a Psicologia de Orientação Profissional. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 2002.
- FERNANDES, Sergio. NORBERTO, Silva. *Consciência em Sartre*. Rio de Janeiro: PUCRJ, v. 9, p. 1-7, 2000.
- GUIMARÃES, M. *Consciência e má-fé no jovem Sartre: a trajetória dos conceitos*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista. Marília – São Paulo, 2007, 239p.
- HEIDEGGER, M. *Que é metafísica?* São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *Ser e Tempo: parte II*. 2. ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARÍAS, J. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MATEO, M. S. *Ontologia y etica en Sartre*. Argentina: Universidade Nacional de Tucuman, 1975.
- PERDIGÃO, P. *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SARTRE, J-P. *A imaginação*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SILVA, F. L. “Sartre e a ética”, in: *Bioethikós* (Centro Universitário São Camilo), v. 4, p. 269-273, 2010.

Submissão: 22. 03. 2018 / Aceite: 30. 05. 2018.